



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Metamorfoses do Mal. Uma Leitura de Clarice Lispector', de Yudith Rosenbaum]

Maria Heloísa Martins Dias

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Heloísa Martins Dias, "[Recensão crítica a 'Metamorfoses do Mal. Uma Leitura de Clarice Lispector', de Yudith Rosenbaum]", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 501-502.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

exemplo, factos fulcrais como o desenrolar do rompimento, em 1929, de Mário com Oswald, «terceiro interlocutor» das cartas.

Com importância crescente, não apenas para a literatura, a correspondência de Mário de Andrade, agora mais seminal com a publicação daquela que manteve com Tarsila do Amaral, apresenta a realização do desejo do escritor polígrafo que, já em 1944, auspiciava «fazer a História». Na carta de 19 de Dezembro de 1922, Mário pede licença à interlocutora para comparar a sua «alma de poeta a um mar», onde ela «foi como um sulco». Em carta a Guilherme de Almeida, dois dias antes de falecer, Mário metaforiza, ainda: «Carta é um farol.» Nós, leitores, participamos, como interlocutores invisíveis, possíveis, de uma aventura literária, em pleno mar Mário.

Latuf Isaias Mucci

ENSAIO

YUDITH ROSENBAUM

METAMORFOSES DO MAL

UMA LEITURA DE CLARICE LISPECTOR

São Paulo, EDUSP/FAPESP/1999

Tomar como objecto de investigação que se quer inovadora uma das escritoras mais «auráticas» da literatura brasileira, como a Autora define Clarice Lispector, significa enfrentar o desafio de escapar a posições críticas consagradas a fim de propor outras pistas de leitura. E o desafio torna-se ainda maior quando se busca apoio numa via interpretativa como a psicanálise, com armadilhas onde se pode enredar sem remédio quem a procura. Mas tal não acontece com a presente obra de Yudith Rosenbaum, muito bem equilibrada nas difíceis articulações entre o texto literário e o universo psicanalítico, tratando-os como sistemas de representação dotados de mecanismos e construções formais com íntimas afinidades.

A hipótese fundadora do ensaio afirma que o mal é o elemento propulsor do enredo nos textos ficcionais de Clarice Lispector: as potências destrutivas centradas no sadismo oferecem-se como eixo temático em torno do qual se move a análise de contos e romances. Privilegiam-se, assim, as «antiepifanias» (segundo a A.) iluminadoras de um mal secreto ou corpo latente que as narrativas vão exorcizando com procedimentos estilísticos. Eis a originalidade do estudo, empenhado numa trilha pouco explorada pela crítica. Mas o que poderia ser traído pelo reductionismo de uma abordagem excessivamente marcada

pelo teor temático, converte-se em prática analítica que distende (e adensa) o olhar lançado ao objecto, fazendo-o ressurgir como outro.

O *corpus* de análise é constituído pelos romances *Perto do Coração Selvagem* (1944) e *A Paixão segundo G. H.* (1964), pontos extremos do percurso feito pela ensaísta, e pelos contos «Os Desastres de Sofia», «Felicidade Clandestina», «A Legião Estrangeira», «A Imitação da Rosa», «A Fuga», «Obsessão», «O Búfalo» e «A Quinta História». É preciso, no entanto, acompanhar com atenção os caminhos da investigação minuciosa da A. para não sermos ludibriados pela falsa pista das relações intertextuais sugeridas nos títulos dos capítulos («Ligações Perigosas», «O Arco e a Lira», «Educação pelo Ódio», «Do Mal Secreto», «E la nave va», «Germinal», entre outros). Na verdade, a intertextualidade apenas constitui instrumento crítico porque corresponde a uma exigência da própria narrativa de Clarice, solicitando do leitor a riqueza de percepção que o impeça de ser tragado pelos «círculos infernais da tormentosa viagem pelo reino do mal clariciano» (p. 176).

O repertório teórico do ensaio é constituído por teses psicanalíticas, recolhidas sobretudo em Freud e Melanie Klein, pela perspectiva estilística proposta por Leo Spitzer e pela hermenêutica de Paul Ricoeur, direcções que jamais se sobrepõem ao universo propriamente literário, pois é este que aflora no estudo, sempre respeitado na sua singularidade de construção formal. Se a preocupação da ensaísta é focalizar uma subjectividade retalhada por injunções externas e internas, num exercício que dilacera as suas pulsões mais intensas, é certamente na linguagem que tal processo de «desraização» (termo da A.) ganha corpo, literalmente trabalhado pela palavra. É então que o exame das figuras de retórica e da trama das histórias, desvelada pelas tensões dialécticas criadas pelo confronto entre as personagens, se justifica plenamente como método operativo de análise das narrativas.

Mergulhando no círculo hermenêutico de leitura e criando, portanto, correspondências entre o todo da significação e as partes que a estruturam, Yudith Rosenbaum estabelece interessantes homologias entre as manifestações da psique sádica e os procedimentos estilísticos encenados pela escrita clariciano. Assim, por exemplo, a errância e a desagregação das personagens concretizam-se nas oscilações do foco narrativo; a fractura, o encapsulamento e a perturbação da consciência adquirem uma *performance* poética, que desestabiliza a linearidade e as convenções, estilizando limites e accionando transgressões; o impulso desarticulador, componente das forças tanáticas, mimetiza-se na própria estrutura do romance *Perto do Coração Selvagem*, marcado pela descontinuidade dos capítu-

los, assim como parece armar-se no discurso uma série de perversões, acentuando-se o modo irónico de narrar, segundo a crítica arquetípica de Northrop Frye mencionada pela A. Deslocamentos da pontuação, reiterações, rupturas na previsibilidade semântica, sintaxe poética, enfim, «a narradora abusa de seu poder de serpentear o discurso, ondulando as frases como um corpo em convulsão» (p. 46). Uma «teia textual» agarrando o leitor, tecida não apenas por Clarice Lispector mas também por Yudith Rosenbaum. Outro exemplo da homologia entre mecanismos psíquicos e os mecanismos dramatizados pela escrita são as polaridades antagonicas de personagens em aproximações paroxísticas, funcionando como reflexo da relação sádica entre o eu e o outro, da qual desponha a sensação ambivalente de prazer e dor. Na estruturação dos núcleos conflituais o contar ou falar de si mesmo assume importante papel, verdadeiro processo de auto-análise em que narrar é também acto de apropriação do eu que assim se reinventa. Daí que mecanismos de projecção, introjecção e deslocamento não surjam apenas como manifestações de comportamentos das personagens, mas principalmente como tácticas da narrativa, que engendra os próprios «demónios» nas formas sádicas com que opera. Sensível a este processo, a A. revela o seu poder de analista (influência da psicóloga?) na habilidade com que descreve os traços (sintomas?) construídos pela linguagem narrativa. Ao citar a passagem do conto «Felicidade Clandestina» em que a pequena leitora descreve a rival, Yudith Rosenbaum comenta: «A descrição é toda excessiva, desmedida, fazendo abundar adjectivos que constroem a hiperbólica figura de uma menina grotesca. O exagero da montagem ecoa ruidosamente nas aliterações do fonema /B/, como se o barulho anterior dos epítetos contaminasse verbos e substantivos, mimetizando também o chupar ruidoso: bastasse, bolsos, blusa, busto, balas.» (p. 72.) O que o ensaio nos faz ver é que o sadismo aflora na ficção trazido por essa espécie de pulsão criativa e transgressora que a própria linguagem encarna e mimetiza formalmente. Se na obra de Clarice o mal é mais declarado ou imaginado que executado, conforme conclui a ensaísta, isto significa que ele existe enquanto potência ou força que se ficcionaliza intensamente como significante, como construção de linguagem.

Metamorfoses do Mal apresenta a novidade de abordar os textos claricianos através de uma visão que mescla o sublime e o escatológico, ganhando relevo o carácter insólito ou perturbador que a metáfora «coração selvagem» encarna na perfeição. Não é de mais ver neste romance de 1944, tal como faz Rosenbaum, a matriz geradora de marcas estéticas presentes em muitas outras obras da escritora brasileira.

O que torna ainda mais estimulante o presente trabalho de Rosenbaum é o facto de apontar para outras vertentes estruturadoras de novos ensaios sobre a obra de Clarice Lispector: o tema da voracidade, a poética que põe em jogo criação e recepção, o grotesco, a oposição nietzschiana entre Apolo e Dionísio. Os cuidados e reparos excessivos da ensaísta no recurso à psicanálise — «um instrumento valioso, desde que inserida no trajecto crítico de forma cautelosa e não redutora» (p. 26) — não a impedem, entretanto, de correr outro risco, o de criar neologismos que desequilibram a engenhosa competência do seu discurso crítico: «adultizado», «canalizando», «desfalicização», «desconstelizar», «objectificação», «estetiza»... Será este gesto linguístico uma influência do «texto maldito» de Clarice com a sua propensão para o mergulho nas potências diabólicas da linguagem ou um pacto com o demónio do discurso crítico pós-moderno? Seja o que for que tenha engendrado o texto de Yudith Rosenbaum, o facto é que dele saímos engrandecidos, ou para usarmos um termo da A., «empatizados» com este ensaio fascinante sobre Clarice Lispector.

Maria Heloísa Martins Dias

CARLOS MENDES DE SOUSA

CLARICE LISPECTOR — FIGURAS DA ESCRITA

Prefácio de Vítor Aguiar e Silva

Col. *Poliedro*

Braga, Univ. do Minho — Centro de Estudos Humanísticos / 2000

A divulgação da obra de Clarice Lispector fora do Brasil, iniciada em finais dos anos 70, tem tido consequências muito positivas no que se refere à inovação das perspectivas sob as quais tem sido abordada. Pense-se, por exemplo, no entusiasmo com que Hélène Cixous introduziu amplamente em França a escritora brasileira, que a partir daí ganhou maior notoriedade noutros países. Vem agora de Portugal novo testemunho desse entusiasmo. Trata-se da tese de doutoramento de Carlos Mendes de Sousa, professor de Literatura Brasileira na Universidade do Minho, instituição que publicou o trabalho com o título *Clarice Lispector — Figuras da Escrita*.

A começar pela extensão, 506 páginas, o estudo deixa claro o objectivo de abarcar de modo exaustivo e totalizador os temas e procedimentos constitutivos da literatura de Clarice. A este respeito, aliás, o Autor esclarece que «a opção por uma leitura englobante não pretende sublinhar uma totalização apoiada num eixo linear e